

*Cadernos de*  
**BIODANÇA**



ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DO SISTEMA BIODANZA® - nº 1 - 1994



## SUMÁRIO

### **Neste número:**

- # Unidade e Complexidade nas Ciências da Vida, *Rolando Toro*. 3
- # O Modelo Teórico da Biodança, *Myrthes Alice T. Gonzalez*. 5
- # Biodança, um Estudo Ecológico do Homem. 1ª Parte:  
Breve História das Disposições Inatas, *Carlos Manoel Dias (Nenel)*. 13
- # Función del Lenguaje Verbal en Biodanza: una aproximación a la entrevista  
y el relato de vivencias, *Patricia A. Ghisio*. 17
- # Novo paradigma de pensamento na Ciência, *F. Capra (tradução)*. 28
- # Poesias:  
    Invencibles, *Rolando Toro*. 16  
    João Comum, *João Chiaramonte de Lemos*. 27
- # Eventos. 30

### **Próximo número:**

- # Epistemologia Interdisciplinar em Biodança, *Terezinha M.V. Flores*.
- # Biodança, um Estudo Ecológico do Homem. 2ª Parte: Homo sapiens, Homo  
faber, Homo ludens, *Carlos Manoel Dias (Nenel)*.
- # Iniciação à Biodança, *Gaston Andino*.
- # e outros temas.

## APRESENTAÇÃO

*É com grande alegria que a Escola Gaúcha de Biodança lança a público este primeiro número dos Cadernos de Biodança.*

*Esta publicação objetiva a busca de um espaço de divulgação de pesquisas em Biodança e a abertura de uma possibilidade de intercâmbio de ideias e informações entre os alunos de formação docente, os Facilitadores, a comunidade de Biodança e todas as pessoas interessadas em nosso movimento.*

*Neste primeiro número, procuramos dar início à divulgação de conceitos fundamentais da Biodança, com um trabalho sobre o Modelo Teórico, e à apresentação de monografias de conclusão produzidas pela última geração de Facilitadores formada pela EGB ou outras Escolas. Este será, pelo menos para um futuro próximo, o nosso projeto: a divulgação das bases teóricas da Biodança e de resultados de trabalhos de pesquisa recentes.*

*Paralelamente, publicaremos outros trabalhos de qualquer área relacionada à Biodança, assim como um noticiário sobre eventos.*

*Convidamos a toda a comunidade de Biodança, aos alunos em formação docente e aos Facilitadores, a contribuírem com este nosso projeto. Monografias, estudos, artigos, poesias, ou mesmo desenhos, que forem enviados, poderão ser selecionados para publicação em nossos Cadernos.*

*Gratos*

*Comissão de Divulgação*

## UNIDADE E COMPLEXIDADE NAS CIÊNCIAS DA VIDA

Rolando Toro

O progresso científico exige uma radical reformulação dos princípios e paradigmas clássicos da ciência.

O ideal da certeza e precisão deu lugar ao Princípio da Incerteza. (Heisenberg, 1958).

Teve início uma nova compreensão sobre os limites do conhecimento. Heinz von Foerster propõe transformar uma epistemologia do "sistema observado" em uma epistemologia do "sistema observador". Nosso cérebro forma parte do conhecimento do objeto observado.

Por outro lado, a visão fragmentada de órgãos e subsistemas é substituída pela abordagem sistêmica e pelo estudo de relações de totalidade. Somos um holograma vivo.

Foi necessária a compreensão da multi-dimensionalidade dos seres vivos e da complexidade das estruturas que o integram.

Os avanços sobre inteligência artificial fizeram pensar na semelhança entre sistema artificial e sistema vivo. Henry Atlan estabeleceu a diferença entre ambos. O "sistema artificial" pressupõe o conhecimento total do fenômeno observado. O "sistema vivo", devi-

do à sua complexidade natural, pressupõe uma ignorância por parte do observador.

Dois metáforas fundamentais, aparentemente em oposição, surgem na base desta nova visão científica: J. von Neumann propõe que "os seres vivos são sistemas heterônomos, determinados de fora (input-output) e possuem uma lógica de correspondência" (o mundo tem equivalentes internos). O ambiente, portanto, seria a condição determinante no funcionamento do ser vivo.

O ponto de vista oposto, apresentado por Norbert Wiener, fundador da Cibernética, sustenta que os seres vivos são sistemas autônomos que funcionam a partir do seu interior com uma propriedade de fechamento operacional e uma "lógica de coerência" baseada em uma variação aleatória dos sistemas de conexão interna. A relação com o ambiente seria essencialmente seletiva.

A surpresa mais interessante dentro das ciências da vida foi a Teoria do Caos. Com base nesta teoria, Ilya Prigogine, Prêmio Nobel de Química em 1977, propõe o caráter construtivo do não-equilíbrio. Para Prigogine, longe do equilíbrio

# Cadernos de BIODANÇA

criam-se estados coerentes e estruturas complexas que só podem ocorrer em um tempo irreversível. A vida não se gera no equilíbrio, mas longe dele. A instabilidade do sistema permite passar de uma estrutura a outra, tornando possível a evolução qualitativa.

Humberto Maturana destacou a **autopoiesis** como a característica essencial dos seres vivos. É a capacidade de criar-se, gerar-se a si mesmo.

Francisco Varela centrou sua atenção no processo de auto-organização e na tendência natural dos seres vivos à autonomia. Varela é, na atualidade, o mais importante epistemólogo da Biologia.

Edgar Morin estende o conceito de "complexidade" dos seres humanos à vida social, ao diálogo e aos processos culturais e ecológicos.

Os seres humanos, porém, não possuem somente a capacidade de auto-organização e de auto-regulação (correlação intra-orgânica e conectividade).

A abordagem da Biodança considera que os seres humanos possuem a capacidade de **auto-evolução**, isto é, a possibilidade real de auto-induzir estados de expansão de consciência e ascender a formas superiores de evolução.

Esta capacidade leva o indivíduo a reforçar sua identidade, emancipar-se das figuras hostis, transformar as tendências destrutivas em criatividade, externalizar os objetos libidinosos e buscar as fontes de prazer, revalorizar-se como criatura sagrada e, em suma, ascender na escala evolutiva.

Através deste panorama incompleto, compreendemos que o homem é um enigma. Sua complexidade é sua qualidade.

O acesso à gnosis (conhecimento) é, por definição, uma capacidade do Iniciado. O facilitador de Biodança deve ser, ao mesmo tempo, um **místico da unidade** e um **poeta da complexidade**.

(II Congresso Internacional de Biodança, Fortaleza, CE, agosto/92)

\*\*\*\*\*

## O MODELO TEÓRICO DA BIODANÇA

Myrthes Alice T. Gonzalez

A história do Modelo Teórico de Biodança se confunde com a própria história deste sistema. Em 1965, Rolando Toro Araneda iniciava suas primeiras pesquisas com doentes mentais, as quais o levariam a criar o que hoje é a Biodança.

Nesta época, Toro era Membro Docente do Centro de Estudos de Antropologia Médica, na Escola de Medicina da Universidade do Chile. Trabalhava no Hospital Psiquiátrico do Chile, juntamente com uma equipe multidisciplinar dirigida pelo Prof. Francisco Hoffman, que tinha como objetivo pesquisar diversas técnicas que pudessem tornar a terapia da doença mental "mais humana". As pesquisas giravam em torno da experimentação com psicoterapias de grupo com bases rogerianas, com arte-terapia (pintura, teatro), psicodrama, etc.

Toro ficou responsável por pesquisar a utilização da dança com enfermos de uma das seções do hospital. Nas primeiras sessões já pode constatar que a utilização de certas músicas era contraproducente pois induziam facilmente a estados de transe. Por consequên-

cia, as alucinações e delírios se acentuavam, podendo durar vários dias. Percebeu também que os enfermos tinham maior tendência a se desestruturar quando realizavam certos tipos de movimentos ligados a estes tipos de música. Passou então a experimentar músicas e movimentos que tendiam a reforçar a identidade do paciente. Propôs também exercícios de contato, para dar limite corporal. O resultado foi surpreendente: muitos doentes elevaram o juízo de realidade, diminuíram as alucinações, aumentaram a comunicação.

A conclusão foi que: "*Certo tipo de exercícios aumenta a identidade e a consciência corporal, enquanto outros conduzem à dissociação do limite corporal e ao transe. Podia-se então construir uma escala progressiva de passos desde a identidade até o transe e vice-versa*". (TORO, 1984, pág. 42).

**Identidade -----Transe**  
(contínuo)

Foram estruturados alguns tipos básicos de exercícios e músicas

# Cadernos de BIODANÇA

para reforçar a Identidade e outros para induzirem ao Transe:

## Identidade:

- caminhar fisiológico
- extensão máxima
- danças de expressão, vigor e determinação
- danças de comunicação e encontro
- danças criativas

## Transe:

- coros com uma sílaba
- rotação do pescoço
- danças de relaxamento
- movimentos em *câmara lenta*
- rodas de embalamento

A conclusão de Toro foi que o trabalho com psicóticos sempre deveria reforçar a polaridade da Identidade.

A pesquisa com danças e músicas se estendeu a outros grupos. Pessoas em estado de tensão ("stress"), com angústia e transtornos psicossomáticos do tipo hipertensão e úlcera gástrica, melhoravam muito quando realizavam exercícios da polaridade do Transe.

Diz Toro: *"Cheguei, com o tempo, à convicção de que os estados de Identidade e Transe são absolutamente complementares e abarcam a totalidade da experiência humana"*. (TORO, 1984, p.43).

Mas neste momento é necessário revisar o que Toro nos queria dizer com os conceitos de Identidade e Transe.

A utilização do termo Identidade foi baseada em uma revisão deste conceito, proposta pela Filosofia contemporânea, e que tem

influenciado de forma gradual a Psicologia. O conceito clássico de Identidade, proposto por Platão, dizia que "A é igual a A". Este conceito foi superado por Heidegger na expressão "A é A". A partir da leitura de Martin Buber, Toro conclui que Identidade é um conceito complexo e que necessita ainda muita investigação. Mas que seus dois paradoxos se encontram:

1. A identidade só se faz através do outro.

2. A identidade tem uma essência invariável mas, ao mesmo tempo, está em constante transformação devido a sua dimensão espaço-temporal. (TORO, 1984).

Naquele momento da evolução histórica da teoria de Biodança, a polaridade definida como Identidade correspondia, na prática, à vivência de aumento da percepção corporal e ao estado de vigília.

O conceito de Transe permaneceu pouco tempo no polo à direita do Modelo Teórico. Inicialmente, ele queria representar nossa capacidade de fusão, *"de vivência e não de consciência; a existência, não a essência (...), o todo, não a parte; o indiferenciado, não o diferenciado; a fusão, não a separação"*. (CREMA, 1982, pág. 25).

A polaridade à direita corresponderia à capacidade de entrega, de desfrute de cada momento vivido; seria a uma regressão, a nível instintivo, às características co-

muns a todo ser humano. Neste estado, a pessoa se perceberia como parte de um todo e poderia reconectar-se com as necessidades básicas de sua regulação orgânica: alimento, nutrição, amor, carícia, troca, calor, prazer, etc.

Rolando deu-se conta, porém, de que o Transe, conforme o que a palavra quer dizer, significa simplesmente a passagem de um estado a outro. Manteve, então, no lado esquerdo do modelo, a nomenclatura como **Identidade**, e mudou a do lado direito para **Regressão**, representando a capacidade, sempre presente no ser humano, de contato com o primordial, com suas origens como ser, como espécie e como forma de vida.

## **Identidade**------(transe)-----**Regressão**

Partindo da constatação de que esta pulsação era de origem biológica, Toro percebeu que ela se dava ao longo de toda a história do indivíduo e impulsionava sua capacidade de atingir estágios de maturidade cada vez maiores, uma vez que é capaz de reciclagem e aprendizado vivencial.

Mas Toro constatou também que, apesar desta contínua transformação, havia algo fixo em cada ser vivo, incluindo o Homem. Isto se traduzia não só através da necessidade de estabelecer vínculos, de território, de ninho. Com o estudo da Genética, Toro percebeu que, no momento da con-

cepção, cada ser vivo tinha em seu potencial genético todas as possibilidades de manifestação como ser, desde características físicas até comportamentais. O potencial genético foi visto como algo fixo, que não muda ao longo da história do indivíduo e que está presente em cada uma de suas células. Mas, como o potencial está latente, pode ou não manifestar-se, dependendo de estímulos do meio.

*"Existem possibilidades e combinações quase infinitas dentro da espiral dupla (do ADN). A expressão dos genes está regulada por um verdadeiro 'relógio genético' e alguns genes se expressam tardiamente, e outros se manifestam mais cedo. Dentro das cadeias existem enormes segmentos silenciosos de potenciais não expressos e desconhecidos. É importante, então, compreender que o suporte genético, que antigamente se concebeu como uma estrutura que selava o destino, guarda milhares de potenciais que só esperam a reversão da estrutura rígida do meio ambiente (...)". (TORO, 1985, vol. III, pág. 7).*

*"Não basta a presença de um ou vários genes para a expressão de uma característica ou para a formação de determinada proteína. É necessária a presença de cofatores. Os cofatores podem ser fornecidos pelo meio ou pelo organismo. Entre eles podemos mencionar as vitaminas, alguns sais de sódio, potássio e magnésio, os hormônios, os neurotransmissores.*

# Cadernos de BIODANÇA

*Sem estes cofatores os genes não podem expressar-se. Isto explica que o ambiente, com todas as suas situações de acaso ou através da intervenção humana, possa influir nos processos de expressão genética. A disponibilidade de alimentos e vitaminas permite a formação de certas proteínas, indispensáveis para que se manifestem os potenciais. Assim, por exemplo, a desnutrição infantil produz retardo do crescimento ósseo, retardo da linguagem e da inteligência". (TORO, 1985, vol.III, pág.15).*

Toro chegou à conclusão de que, ao propor vivências às pessoas, estava também oferecendo novas alternativas de ambiente e, portanto, cofatores diversos dos que a pessoa estava acostumada.

*"Um tipo de intervenção jamais proposta antes é a ativação da expressão genética a partir da deflagração de hormônios naturais, mediante a estimulação de emoções específicas. Estas emoções específicas podem ser evocadas através de exercícios de luta, passividade, erotismo, alegria, etc.*

*A estimulação emocional é uma ativação de hormônios hipotalâmicos que vão atuar como cofatores para permitir a expressão de potencialidades humanas geralmente inibidas" (TORO, 1985, vol.III, pág. 15-16).*

Após o estudo de vários grupos de Biodança, Toro começou a selecionar relatos de tipos de vivências experimentadas durante as sessões. Suas investigações condu-

ziram a cinco tipos básicos de vivências:

**Vitalidade:** vivências de capacidade e força.

Emoções básicas: alegria e entusiasmo.

**Sexualidade:** vivências de intimidade.

Emoções básicas: desejo e prazer.

**Criatividade:** vivências de expressividade.

Emoções básicas: exaltação criativa.

**Afetividade:** vivências de solidariedade e generosidade.

Emoções básicas: ternura, amor, amizade.

**Transcendência:** vivências de plenitude.

Emoções básicas: beatitude, gozo supremo.

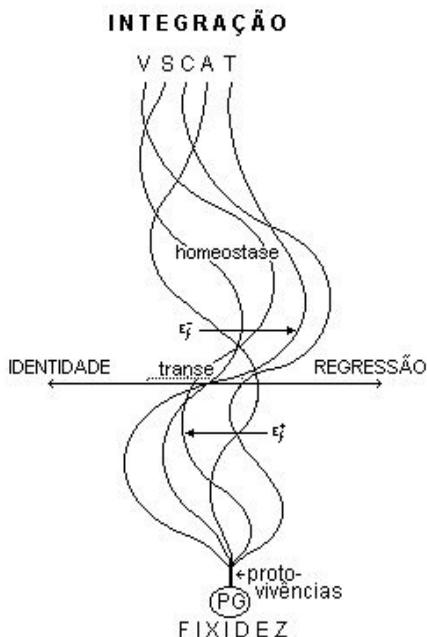
Com estes dados, Toro propôs um eixo para o Modelo Teórico da Biodança, em torno do qual evoluiriam as cinco linhas de vivências, em movimentos espirais pulsando entre Identidade e Regressão. No início, chamou este eixo de *rigidez*, porque continha um elemento de raiz, de origem. Mais tarde, propôs o termo *diferenciação evolutiva*, pelas bases genéticas aí contidas.

Em 1982, o Facilitador de Biodança Roberto Crema edita um livro denominado "Eu, nós e o Cosmos", dedicado a uma reflexão sobre o Modelo Teórico da Biodança. Neste livro, Crema propõe o termo *fixidez* para a base do modelo teórico. Segundo o autor, esta nomenclatura expressaria o cará-

# Cadernos de BIODANÇA

ter fixo mas não rígido do potencial genético (Crema, 1982).

A partir deste momento, o Modelo Teórico ficou estruturado, até 1989, da seguinte forma:



As linhas de vivência, em sua espiral evolutiva, partem de experiências marcantes ocorridas na primeira infância, denominadas *protovivências*. Daí, se diferenciam e evoluem em períodos de homeostase, ou seja, dentro da espiral evolutiva, períodos de equilíbrio e períodos de *transtase*, onde o equilíbrio se perde, gerando a possibilidade de mudança.

As linhas pulsam de acordo com estímulos do meio que agem

como cofatores e, por isso, passam a ser denominados *ecofatores*. Estes fatores do meio podem inibir ou deflagrar o potencial. Assim, o fator deflagrador é chamado *ecofator positivo* e o inibidor *ecofator negativo*.

O desenvolvimento em espiral tende a níveis de vinculação cada vez mais amplos consigo mesmo e com o meio. É um processo evolutivo que vai ampliando a consciência do microcosmo ou do macrocosmo. A esta tendência evolutiva Toro chamou *integração*, e este passou a ser o polo superior do Modelo Teórico.

Após morar por mais de dez anos no Brasil, onde consolidou o trabalho de Biodança, formando vários Facilitadores e criando a Associação Latino-Americana de Biodança, além de Escolas de Formação Docente em Biodança em vários estados brasileiros e países latino-americanos, Rolando Toro mudou-se, em 1989, para a Europa. Lá fundou a Associação Europeia de Biodança.

Esta mudança foi acompanhada por uma nova revisão do Modelo Teórico. O conceito de *Identidade* foi revisto e reposicionado dentro do Modelo. Enquanto o termo *regressão* era retirado, a *Identidade* passou a ser posicionada no polo superior do Modelo Teórico. Segundo Rolando:

*"Uma primeira aproximação ao conceito de identidade nos revela 'a qualidade daquilo que é idêntico', 'o que é próprio' e que num*

# Cadernos de BIODANÇA

sistema vivo constitui o conjunto de características essenciais e únicas que lhe conferem singularidade.

A **identidade** de um indivíduo seria, portanto, o conjunto de suas características psicobiológicas que fazem dele uma criatura única, diferenciada e inconfundível. Em cada célula do indivíduo está o selo de sua **identidade**. (...).

Do ponto de vista psicobiológico, a **identidade** só se faz patente através do outro. A vivência da **i-identidade** surge na integração afetiva. Esta proposta permite um enfoque sistêmico da **identidade**, que inclui o outro dentro do processo da percepção de si mesmo". (TORO, 1988, págs. 20-21).

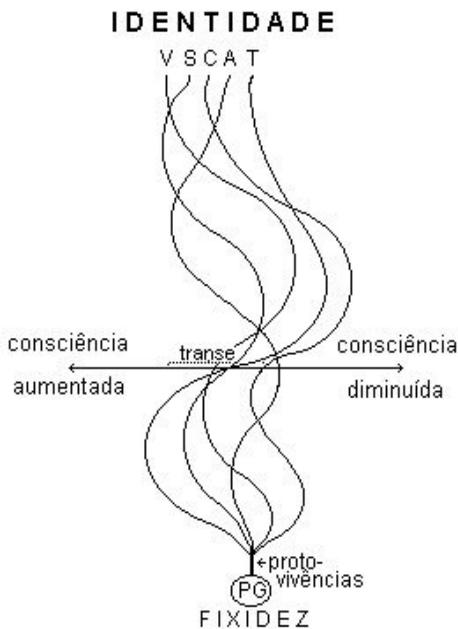
Esta percepção leva TORO a concluir que a *identidade* não é a manifestação apenas de força, conquista de espaço, tensão e estado de vigília, mas inclui a capacidade de abandono, nutrição e fusão. Na vivência de cada uma das linhas por ele proposta há *i-identidade*. Assim, percebeu então que a *identidade* é o próprio processo de integração que dura toda a existência.

"A revelação de nossa **identidade** só termina com a morte". (TORO, 1988, pág. 20).

As duas polaridades do Modelo Teórico exprimem, na verdade, diferentes estados de captação e vivência da realidade, e isto se traduz pelo termo **consciência**. Rolando Toro caracteriza, então, estes dois estados polarizados como **consciência aumentada**, onde há

consciência das características mais próprias da singularidade, e **consciência diminuída**, onde há um estado de fusão e dissolução destas características próprias em favor da percepção de si mesmo como parte de uma sistema maior. Isto não significa uma ausência de consciência, mas uma conscientização das necessidades básicas, primordiais, muitas vezes encobertas por mecanismos de repressão externos ou introjetados.

O Modelo Teórico de Biodança era, então, representado da seguinte forma:



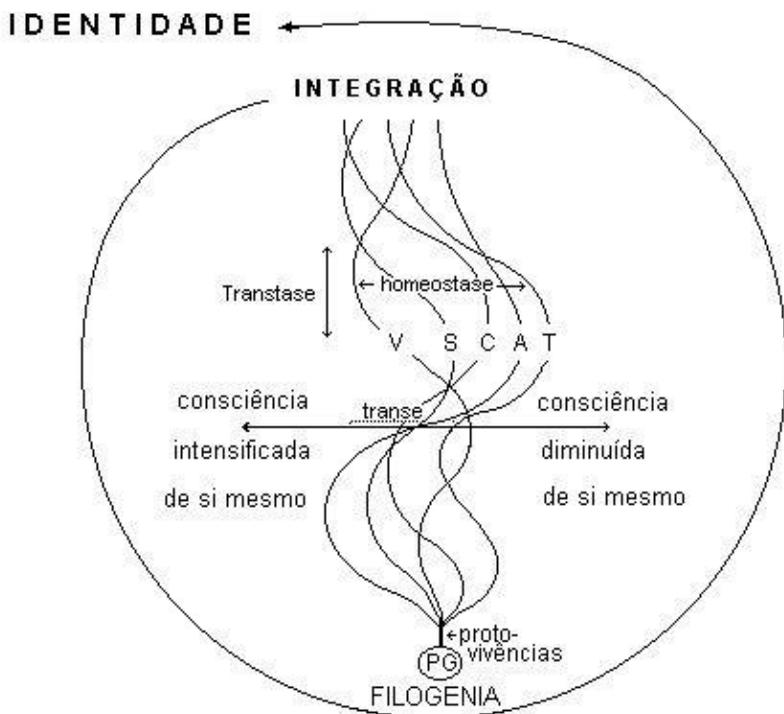
Em 1991, a Associação Latino-americana de Biodança editou

# Cadernos de BIODANÇA

quatro tomos contendo os pressupostos básicos para o aprofundamento do estudo da Biodança, destinados em especial aos alunos das Escolas de Biodança.

Naquela publicação, aparece uma elaboração ainda mais atualizada do Modelo Teórico. A partir da concepção de que a Identidade é o próprio processo de integração, Rolando Toro passa então a considerá-la como o cume e a totalidade da evolução humana em termos ontogenéticos. A Identidade é, então, o resultado evolutivo da constante integração das

vivências das cinco linhas, sendo, portanto, o objetivo em si da própria Biodança. Assim, o termo Integração volta a situar-se na parte superior do Modelo Teórico, representando o desenvolvimento harmonioso das cinco linhas de vivência. A Regressão, expressa agora como um estado de consciência diminuída de si mesmo, é reconsiderada como a capacidade de possibilitar a maior compreensão do que é a vivência de contato com nossas forças mais primitivas de manutenção da vida.



## Biodança, um estudo ecológico do homem (I)

*Com o título acima, Carlos Manoel Dias, nosso caríssimo Nenei, apresentou e teve aprovada sua Monografia para obtenção do título de Facilitador de Biodança. Como o tema deve ser de interesse de toda a comunidade de Biodança, vamos transcrevê-lo em nossos Cadernos. Devido a um problema de espaço, no entanto, teremos que dividi-lo em três partes (os capítulos principais) e suprimir a parte introdutória. Nesta edição, oferecemos aos leitores uma*

### Breve história das disposições inatas.

Temos que escolher algum começo para a história da Humanidade, embora tenhamos poucas e imprecisas informações. Antropólogos mais sisudos situam o primeiro ancestral hominídeo a cerca de 4 milhões de anos; no outro extremo há os que dizem datar de 1 milhão de anos o mais antigo dos nossos congêneres. De qualquer maneira será esta a medida de tempo que usaremos a partir de agora: centenas de milhares de anos, dezenas de milhares de gerações.

A princípio o Homem era provavelmente um catador, em pequenos bandos de 10 ou 15 indivíduos e suas famílias, vivendo nas savanas de maneira nômade, comendo o que encontrava, caçava com as mãos ou roubava de outros cientes. Uma outra espécie que se desenvolveu no mesmo lu-

gar e ao mesmo tempo, o babuíno das savanas, representa hoje bem proximamente a idéia do primeiro hominídeo. O período era o Paleolítico Inferior.

Qualidades que a Natureza se encarregou de desenvolver, sob pena de morte dos não adaptados: autodefesa do clã, onivorismo (comer de tudo), hierarquia dentro do próprio grupo, aprendizado com a experiência e transmissão deste aprendizado.

O tempo passado neste primeiro estágio foi longo. Considerando uma base de 1 milhão de anos, foram aproximadamente 850 mil anos ou 40 mil gerações (de cerca de 20 anos cada) de adaptação ao meio, sempre sob a férrea lei da Natureza: se adapta ou morre, e conseqüentemente deixa de transmitir aos descendentes seu

# Cadernos de BIODANÇA

código genético "pessoal" e seu fenótipo. Podemos depreender daí que, em tempo biológico (tempo necessário para modificações estruturais e de comportamento inato), que é muito mais longo que o tempo que estamos acostumados a vivenciar, a base genética, cromossômica, sobre a qual as mais remotas culturas operaram, foi a mesma.

Em um estágio posterior, o Paleolítico Médio, entre 150 mil e 10 mil anos atrás, desenvolveu-se o Homem de Cro-Magnon, espécie mais próxima de nós, e o Homem de Neanderthal, mais afastado.

As características desta época, do ponto de vista do comportamento, eram quase iguais às anteriores. Do ponto de vista físico, o polegar opositor retirou dos dentes a responsabilidade do ataque e da defesa; a face passou a ser a região nobre para a visão, audição, olfato.

Ao mesmo tempo, novas e intrincadas ligações motoras se desenvolviam no cérebro, para dar vazão à recém descoberta possibilidade de uso de ferramentas. A primeira ferramenta foi uma arma de mão, fundamental à sobrevivência; já a maior revolução da antiguidade foi o arco e a flecha, que propiciou a hegemonia sobre a natureza sem arriscar a vida de seu portador.

Baseado nestes dois inventos, mais o polegar opositor e o telencefalo desenvolvido, o Homem, bastante rapidamente do ponto de vista biológico, tornou-se hegemônico, exterminando seus competidores. Nesta época, houve uma mudança fundamental para a compreensão dos instintos agressivos do Homem: o competidor direto deixou de ser o meio para ser a tribo vizinha, congênere.

No período subsequente, o Paleolítico Superior, se desenvolveu a cultura como a conhecemos. A espécie já era como é hoje, o *Homo sapiens*, com suas diversas raças, a maioria já extintas.

O Homem, já forte e podendo se defender, criou raízes. A agricultura nasceu a cerca de 12 mil anos, na China. As primeiras cidades surgiram há 8 mil anos, com o comércio.

A sucessão de inventos toma um rumo alucinante: o dinheiro existe a 7 mil anos e a propriedade privada nasceu junto com o direito, na mesma época. Cidades urbanizadas existem desde há 6 mil anos mas, mesmo Babilônia e Jericó, não passavam de 30 mil habitantes. A escrita existe há 10 mil anos.

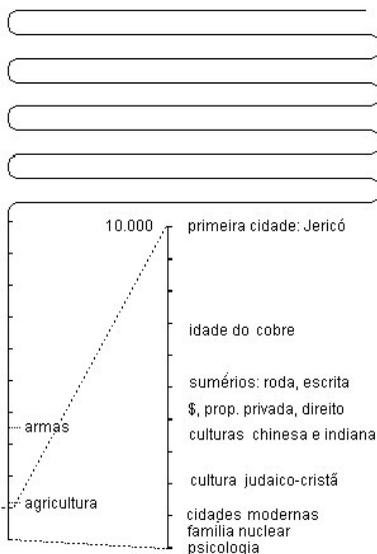
Chegando mais próximo e procurando não sentir vertigens: as megalópolis de 1 milhão de habitantes existem há 50 anos; a família

# Cadernos de BIODANÇA

nuclear (pai, mãe e filhos), vivendo sob o mesmo teto, é fato que não existia há mais de 200 anos; geladeira, 50 anos; televisão, 30 anos; microcomputador, 10 anos.

A propósito: o casamento é uma instituição inventada quando a média de vida da Humanidade não passava dos 35 ou 40 anos. Nesta idade já éramos anciãos, os notáveis da tribo, os mais velhos.

Figura 1: *Linha imaginária no tempo, abrangendo 1 milhão de anos. A escala teria 2m se "esticada". Cada divisão representa 10 mil anos. Se acrescentássemos o tempo de evolução do "cérebro mamífero", cerca de 50 milhões de anos, a linha teria 100m; teria 1600m se somássemos a idade do Sistema Límbico ou "cérebro reptiliano" (400 milhões de anos)*



Tomando o *tempo biológico*, isto é, o tempo que se calcula que a vida existe, como 100%, poderíamos situar neste tempo os eventos abaixo da seguinte forma:

|  |         |
|--|---------|
| - Savanas                                | 85%     |
| - Cavernas, fogo                         | 14%     |
| - Agricultura                            | 1,2%    |
| - Cidades antigas                        | 0,6%    |
| - Dinheiro, propriedade privada, direito | 0,7%    |
| - Família nuclear                        | 0,02%   |
| - Cidades modernas                       | 0,005%  |
| - Televisão                              | 0,003%  |
| - Computador                             | 0,001%  |
| - Manipulação genética                   | 0,0005% |

Vendo desta perspectiva, fica mais clara a opinião do velho mestre Konrad Lorenz, fundador da Etologia, de que por mais que queiramos muito não mais pertencer ao mundo animal, não mais respeitar as leis da Natureza, ela vive em nós, na palpitação de nosso sangue e em cada pequena recriação da vida que fazemos.

Fica evidente que a casca de Cultura é muito fina, mais do que a pele de um pêssego em contraste com todo ele, e que, a menos que descubramos todo o sabor do pêssego, o aceitamos e inventemos novas maneiras evolutivas de elaborá-lo, ficaremos presas a condutas paleolíticas que perderam há muito o seu significado.

# Cadernos de BIODANÇA

Na verdade, o que temos que descobrir é, dentro do nosso padrão genético e comportamental, aquilo que é evolutivo e o que não é; descobrir o que fará o Homem fazer novas guerras, quentes ou frias, e o que deflagrará novamente a evolução da espécie, transformando a nós mesmos nesta recriação.

É exatamente isto que a Biodança propõe: a recriação de nós

mesmos com base no nosso potencial genético, lançando mão de exercícios que, basicamente, induzem a vinculação consigo mesmo, com o outro e com a Natureza; lançando mão do conhecimento e elaboração das nossas "fomes" antropológicas, os instintos; e propondo uma maneira evolutiva para lidarmos com nós mesmos: o referencial permanente da integração afetiva.

(A seguir: *Homo sapiens, Homo faber, Homo ludens* ).

\* \* \* \* \*

# **FUNCIÓN DEL LENGUAJE VERBAL EN BIODANZA:**

## **Una aproximación a la entrevista y el relato de vivencias**

**Patricia A. Ghisio**

Monografía para Titulación  
Escuela de Biodanza de Buenos Aires, 1993

### **Introducción**

La motivación para realizar este trabajo nace, quizás muchos años atrás. Llego yo a la Biodanza siendo ya Licenciada en Psicología y, casi en consecuencia, cansada y aburrida del discurso psicoanalítico, prácticamente oficial en nuestro país.

En febrero de 1982 leo una nota de Rolando Toro en la Revista "Mutantia"; encontré un discurso distinto dentro del campo psiquiátrico-psicológico: quedé fascinada.

Para principios del 85 tengo la suerte de integrar, como alumna regular, un grupo de Biodanza coordinado por el Professor Marcelo Mur.

Un día, en un relato de vivencias, me animé a decir que en un determinado ejercicio había senti-

do dolor de espaldas (en esa época era más frecuente en mí ya que estaba amamentando). Y digo "me animé" porque mi suposición era que iba a ser interpretada. Sin embargo mi necesidad de comunicar esto en el grupo fué más fuerte que el temor. En ese momento Marcelo se acercó de mí y afectivamente me pasó la mano por la espalda. Todavía hoy recuerdo la sensación de alivio y agradecimiento. El significado y el efecto de esta caricia, en el contexto de relato de vivencias, fué múltiple y profundo para mí. No recibí una crítica de la postura adoptada en el ejercicio ni una interpretación "profunda" del porqué de mi dolor. En ese momento me sentí comprendida, reconfortada y acompañada.

# Cadernos de BIODANÇA

A través de esta situación aprendí algunos aspectos del uso adecuado o inadecuado del lenguaje verbal en Biodanza.

Busco como objetivo de este trabajo realizar un aporte, aunque mínimo, a la eficacia en la aplicación del sistema y contribuir al perfeccionamiento de la tecnología de la Biodanza. Soy consciente de que esta presentación es más bien original en la organización y síntesis de los temas planteados que en las ideas y conceptos mismos. Soy consciente también de no abarcar todos los aspectos del lenguaje verbal en Biodanza. Solo pretendo abordar algunas consideraciones sobre Entrevista y Relato de Vivencias. Considero que estos temas han sido, quizás, menos elaborados que otros hasta este momento y, sin desconocer la importancia de otras cuestiones (teoría, consignas, poética, sonidos pre-verbales, etc.), podemos remitirnos a escritos de Rolando y al trabajo de Marcelo Mur al respecto.

## Entrevista

La entrevista es un instrumento muy difundido y puede tener en sus múltiples usos una gran varie-

dad de objetivos, como es el caso del periodista, jefe de empresa, director de escuela, psicólogo, maestro, juez, etc.. Aquí interesa analizar los objetivos y el alcance de la entrevista en Biodanza y encontrar las similitudes y diferencias con respecto a otros encuadres teórico-prácticos.

Desde el punto de vista semántico entrevista quiere decir encuentro y conferencia de dos o más personas en un lugar convenido para tratar un asunto que puede estar o no previamente definido.

Dentro del campo psiquiátrico-psicológico José Bleger define a la entrevista diciendo que: "es una relación de índole particular que se establece entre dos o más personas en que uno de los integrantes de la misma es un técnico de la psicología que debe actuar en ese rol, y el otro - o los otros - necesita de su intervención técnica. Pero es un punto fundamental que el técnico no sólo utiliza sus conocimientos psicológicos para aplicarlos al entrevistado, sino que esta aplicación se produce precisamente a través de su propio comportamiento en el curso de la entrevista".<sup>1)</sup>

Por su parte, Sullivan define la entrevista como: "una situación de

## *Cadernos de* **BIODANÇA**

comunicación primariamente verbal, en un grupo de dos o más personas, integrada más o menos voluntariamente, y que posee un desarrollo basado en la relación experto-cliente, con el propósito de elucidar modelos característicos del vivir de dicho entrevistado. Este presentará tales modelos como experiencias perturbadoras o especialmente valiosas y nos dirá que espera un beneficio del hecho de revelarlos".<sup>6)</sup>

La teoría de la entrevista ha sido influida por conocimientos derivados del psicoanálisis, la Gestalt, la topología y el conductismo. No es pertinente desarrollar el aporte de cada uno de ellos, pero sí señalar someramente que el psicoanálisis ha influido con el conocimiento de la dimensión inconsciente de la conducta, de la transferencia y la contratransferencia, de la resistencia y la represión, de la proyección y la introyección, etc. La Gestalt ha aportado la comprensión de la entrevista como un todo en el cual el entrevistador es uno de sus integrantes, y considera el comportamiento de éste como uno de los elementos de la totalidad. La topología ha conducido a plantear el enfoque situacional. El conductismo ha influido con la im-

portancia de la observación del comportamiento. Todo ello ha conducido a la posibilidad de realizar la entrevista en condiciones metodológicas más estrictas, convirtiéndola así en una técnica de investigación científica.

La entrevista puede ser de dos tipos fundamentales: abierta o cerrada. Según mi criterio, en Biodanza es útil trabajar con entrevista abierta (semi-dirigida). No es conveniente que se derive en una anamnesis. Esta implica una recopilación de datos previstos de tal extensión y detalle que permita obtener una síntesis ordenada de la situación presente y la historia de una persona. En la anamnesis, la finalidad reside en la obtención de datos y el individuo queda reducido a un mediador entre los datos y el entrevistador.

La entrevista en Biodanza es una relación entre dos (o más) personas en las que estas actúan como tales. En nuestro sistema, a diferencia de la entrevista dentro del campo clínico-psiquiátrico, no nos importa la obtención de un diagnóstico en términos de patología sino llegar a una comprensión lo más amplia posible de la situación vital de la persona en proceso en Biodanza.

# Cadernos de BIODANÇA

## Objetivos de la Entrevista en Biodanza

(entrevista inicial - poco después de ingresar al grupo):

- Ayudar a que el alumno tome conciencia de que está trabajando en un proceso controlado de crecimiento (Toro, R. "Biodanza: Proceso de crecimiento").

- Que el facilitador pueda tomar contacto con aspectos de la vida de la persona que de otra forma le sería difícil acceder o bien le llevaría mucho más tiempo descubrir. Este conocimiento puede serle útil para aplicarlo en la estructuración de las aulas. Asimismo puede ampliar la comprensión del docente sobre las vivencias comunicadas al grupo por el alumno.

- Que el facilitador pueda obtener pautas para evaluar el grado de compromiso de la persona con el grupo y con su proceso de evolución.

- Confrontar las observaciones realizadas en las clases con lo que la persona nos relata de su vida y, además, comunicarle de forma privada en qué aspectos personales puede beneficiarse con su participación en el grupo de Biodanza. Esto puede aumentar la moti-

vación del alumno para comprometerse en el proceso.

- Establecer una relación de intimidad y diálogo.

- Las entrevistas posteriores (cada 2 meses aproximadamente) son útiles para informar a los alumnos acerca de sus progresos y también para re-evaluar sus necesidades.

Un Perfil de la Entrevista en Biodanza reuniría las siguientes características:

- Duración: 50' a 60'. Menos tiempo no alcanza para cumplir los objetivos, más tiempo puede resultar fatigante.

- Ambito: con la privacidad necesaria como para favorecer un clima de intimidad en la comunicación. Podría ser adecuado el sitio donde se dictan las clases.

- Distintos momentos:

1) Recibir a la persona en el lugar convenido y explicitar el encuadro de la entrevista (duración, honorarios, finalidad de la misma, etc.).

2) Pedirle al entrevistado que se explaye sobre cómo está en su vida actualmente.

3) El facilitador realiza las preguntas que considera necesarias teniendo como eje el averiguar cómo está la persona en el desarrollo de las cinco líneas de vivencia.

4) Espacio destinado a que la persona agregue cualquier otro dato o aspecto de su vida o historia que considere relevante comunicar.

5) El entrevistador alienta a la persona a realizar preguntas, plantear dudas, etc. respecto al funcionamiento de la actividad. Es importante contestar y esclarecer todo lo necesario.

- El facilitador busca la sintonía afectiva con la persona y está atento al *feed-back* en la comunicación.

## Relato de Vivencias

El relato de vivencias es parte integrante del aula de Biodanza. No es otra cosa, sino que desde el comienzo mismo de la sesión estamos buscando el objetivo central del sistema: la integración de las personas. Al respecto, Cezar Wagner opina que: "La palabra precisa ser progresivamente introducida a través de lo que llamamos Relato de Vivencias, principalmente (en maratones) al inicio de la última sesión. En grupos semanales, dedicar una a dos veces al mes para estos relatos de la experiencia de sí mismo".<sup>8)</sup>

Desde mi experiencia personal (como alumna y como facilitadora) he notado beneficios en que se ofrezca este espacio al inicio de cada una de las sesiones, no como obligación más si como posibilidad para aquellos participantes que necesitan expresarse también de ese modo. Es necesario considerar que la palabra es la forma más habitual en que las personas tienden a comunicarse, y esto en nuestro país quizás sea más marcado que en Brasil. Sin embargo, pese a la cotidianeidad de su empleo, muchas veces el uso del lenguaje verbal conlleva una falta de resonancia y de encuentro legítimo entre las personas. Por este motivo, así como trabajamos la coordinación rítmica, el sinergismo, etc., necesitamos trabajar progresivamente el lenguaje verbal.

Para llevar a cabo un trabajo con la expresión verbal es bueno tener en cuenta que su función es estabilizar y/o reforzar vivencias significativas y que "compartir las experiencias interiores suscitadas en las sesiones de Biodanza colabora con el proceso de integración afectiva".<sup>3)</sup>

Si entendemos a Biodanza como una tarea pedagógica es necesario ejercer esta función tan-

# Cadernos de BIODANÇA

bién con el uso del lenguaje verbal. En Biodanza buscamos el lenguaje sentido, la palabra emocionada. Para alcanzar este nivel de integración creo útil tener en cuenta ciertos parámetros en la coordinación del relato de vivencias:

1) Hablar de sí: "La palabra del sujeto es un discurso de su propia identidad. Para ese develar es necesario que la persona hable de sí mismo y no de otro. El grupo funciona a veces como espejo, a veces como presencia de aceptación y de protección".<sup>8)</sup>

Para conseguir la evocación de la vivencia desde el contacto afectivo, muchas veces es necesario sugerir a las personas que cierren los ojos y que recién al e-vocar los abran e inicien el relato.

2) Buscar el dato particular, concreto y no las generalizaciones: Esto significa volver al dato fenoménico, no a las abstracciones.

Un caso bastante común de generalización es cuando una persona relata, por ejemplo, haberse sentido de tal o cual manera en toda la clase. Sabemos que es difícil que un mismo estado perdure sin modificación a través de toda la clase. Aquí pueden ser convenientes preguntas tales como ¿en qué momento de la clase?, ¿re-

cordas este estado en algún ejercicio en particular?, etc.

3) Discriminar entre pensamiento y sentimiento o sensación. Cuando una persona relata haber sentido algo del otro es necesario hacer alguna aclaración. Por ejemplo una persona expresa: "en tal ejercicio yo sentí que mi compañero no se entregaba". El facilitador puede intervenir aclarándole que esto le habrá parecido y preguntándole cómo se sintió él.

4) Favorecer la expresión de sentimientos. El relato de vivencias no forma parte de un grupo de reflexión. En consecuencia no es necesario, ni conveniente que los integrantes del grupo expongan demasiado sus ideas o pensamientos. Lo importante es que comuniquen y compartan sus vivencias, por lo tanto el facilitador puede desalentar la exposición de ideas cuando estas obedecen a intelectualizaciones desligadas de la vivencia.

5) No interpretar desde otros marcos teóricos. El análisis psicológico de las vivencias no es un instrumento de Biodanza. Además encierra el riesgo de reforzar, con la interpretación, la estructura defensiva. La persona elabora argumentos más sutiles que trasladan

# Cadernos de BIODANÇA

las defensas a regiones cada vez más inaccesibles a la acción transformadora.<sup>3)</sup>

6) No criticar. La Biodanza busca estimular las fuentes de salud de la persona. Si es posible hacer crecer la parte luminosa y saludable de un individuo, la parte oscura (los síntomas) tienden a desaparecer.

Expresar críticas sobre personas o experiencias de la sesión frecuentemente genera rechazo y agresión. Es conveniente recordar que son opiniones, con un alcance limitado a la comprensión de quien las expresa.<sup>3)</sup>

7) No fomentar el debate grupal. Las personas necesitan más la comprensión y el continente grupal que las opiniones de los demás. Por este motivo no es bueno fomentar el debate en el relato de las vivencias.

"No se usa el *feed-back* en cuanto el grupo no alcanza un alto nivel de consistencia emocional necesario para la superación de la adherencia de los componentes internos de la persona con los componentes del mundo a su alrededor".<sup>8)</sup>

Citando a María Lucia Pessoa Santos, podemos decir que el relato de vivencias contempla:

a) Descripción de un acontecimiento significativo de la clase o impresión general de la misma sobre sí (efecto).

b) Recuerdos, imágenes o sentimientos despertados por los ejercicios y la relación con su vida cotidiana.

c) *Insight* que permitirá a la persona reorganizar su proyecto existencial.<sup>3)</sup>

Transcribo a continuación, y a modo de ejemplo, dos relatos de vivencias surgidos en el grupo coordinado por mí durante la etapa de prácticas. Los mismos fueron redactados con posterioridad por las alumnas que gentilmente accedieron a mi pedido de dar forma escrita a la intensidad de sus experiencias.

## - **Relato 1:** Alida

Respondemos a la consigna de darnos abrazos leves y breves. Nos despedimos. Continúo encontrándome con otros. (Era un aire suave/de calmado cielo). Si no fuera porque sé que me desplazo con mis pies, diría que estoy flotando o volando. Así y todo, los siento blandos, algodonosos, mis brazos ondulan, mi cuerpo-agua se extiende en todas las direcciones de este pequeño universo, recibo las señales y siento sus hilos. Deleite

## Cadernos de BIODANÇA

total, hermoso, hermoso. Así voy, sigo, y en una de esas vueltas me encuentro con Patricia. Siempre leve y breve, delicadamente nos despedimos. Pero, no sé, en ese segundo de distancia, algo me sucede, justo en el momento de la separación, el mundo cambia en un instante. De golpe siento angustia, dolor, empiezo a llorar, llanto entrecortado, infantil; mi mamá se va y me deja solita, aquí, me tapo los ojos con las manos y lloro. Todo es un desierto, y es alto y oscuro, y hace frío, y yo aquí. Y entonces, ocurre la maravilla, como en los cuentos de final feliz: mi mamá vuelve y me envuelve, me abraza, segura, cálida, calma. Como con una manta estoy abrigada. Mi llanto poco a poco va quietándose, respiro más profundo, me voy sintiendo más tranquila, la angustia no está más. Quizás alguna herida se cerró, quizás un bálsamo se derramó dulce, para seguir borrandolo el desamparo.

### - *Relato II:* Alejandra

Cuando llegué a la clase me sentía como ajena. Un resentimiento que no podía controlar. Cuando Carlos dió la consigna de hacer una ronda de miradas tiernas y comenzó la música, yo sentí algo así como: "Ya vas a ver la ternura que tengo". Pensé si no era mejor

retirarme, pero algo me decía que era importante que yo estuviera ahí. De última, pensé, que me banquen así.

Nos tomamos de la mano y yo miraba el suelo. No quería lastimar a nadie con una mirada que adivinaba tan dura y cargada de malicia. Estuve un rato así, hasta que levanté la vista. Vi a Susana esperándome con sus ojos transparentes y todas sus viejas heridas cicatrizándose en la cara. Me sentí tan... miserable... tan débil..., encerrada en una coraza tan vulnerable. Fue como recibir una estocada de amor. No me gusta hablar de amor, parece cursi. Pero esto era como rayos X saliendo de esos ojos. O laser. Empecé a llorar por dentro, sintiendo que no podía resistirme a esa fuerza, y mientras mi orgullo se hacía agua, pensaba por qué quería negarme a esto, por qué me negaba a semejante poder.

Los ejercicios continuaron y a cada mirada, a cada gesto dirigido hacia mí, volvía esa emoción a la garganta y no podía evitar el llanto. La sensación era: o dejás de luchar y defenderte, o el viento más suave te va a revolcar por el mundo a su antojo.

Estaba en un estado extraño como flotante, como si no tuviera demasiada identidad. Constante-

# Cadernos de BIODANÇA

mente sentía el recuerdo de todos esos años en que busqué la coraza para defenderme. Sentía como una lástima por mí misma.

Después vino el desafío: Carlos habló de los espermatozoides lanzados a la vida. Aquel que llegó. Aquel que sobrevivió a tantos millones, ese somos nosotros. Pensé en Diana y en mí, viajando juntas en ese viaje contra la nada. Carlos seguía: esa fuerza es la que llevamos dentro.

Me invitaron al desafío y dije que no. Tenía miedo y hasta vergüenza. ¿Cómo podía marchar por la vida siendo tan miserable conmigo y con los demás? Aquel momento de la clase no podía perdonármelo.

La ví a Alida, apretando los dientes para avanzar, vi a tanta gente que a cada desafío de un compañero se acercaba a mí, volviendo a darme la oportunidad de la ternura. Otra vez, yo respondía con mezquindad; ya no hacia mis compañeros, sino hacia mí.

Los desafíos logrados por los demás me daban coraje. Pensé que tenía que hacerlo por ellos. Por cada uno de los que estaban ahí, sufriendo mi miedo y brindándose sin esperar devolución. Pedí hacerlo. Tuve casi una sensación de pá-

nico. Carlos me dió la mano, me miró con esos ojos tan serios y me dijo: vos podés. O algo así.

Me largué, sin muchas esperanzas. Me largué al abismo. Y fui creciendo en cada uno de los compañeros, apuntalada en cada grito, alzada en una ronda impresionante de puños levantados y voces roncadas: vamos Ale!! Sentía que la energía empezaba a sacudirme el cuerpo. Había que correr. Me hacía correr y empezó el vértigo. Levanté los brazos y estallaron gritos adentro y afuera. Y corrí más hasta que ví a Carlos ofreciéndome los brazos abiertos y me colgué de él y sentí a todos los compañeros envolviéndome en un abrazo interminable. Lloraba desde las tripas, como pocas veces me había escuchado llorar.

Sentí que así era encontrar a Dios después de vivir. Había un premio para el coraje. Yo me lo había ganado.

Yo me lo merecía.

## Comentario final

Si bien es obvio que la palabra no es el eje del sistema Biodanza, el descuido en su empleo puede perjudicar el proceso evolutivo de

# Cadernos de BIODANÇA

las personas dentro del grupo y hasta ser un factor iatrogénico en la búsqueda de la integración.

Biodanza es un método vivencial, no excluye al lenguaje verbal sino que lo integra. Como la prioridad es la vivencia, cuando se utiliza el lenguaje verbal buscamos siempre la palabra emocionada, el lenguaje sentido.

Rolando Toro, en "Concepto de Ortodoxia", afirma: "... La inclusión de conceptos teóricos de carácter filosófico, religioso o psicoterapéutico está absolutamente desaconsejado, por el riesgo de perder la coherencia del Modelo Teórico". En "Aspectos Experimentales y Fenomenológicos de Biodanza" expresa: "El sentido de la curación surge de los hechos vividos". Por lo tanto queda claro que el lugar del lenguaje verbal no puede ser, de manera alguna, la interpretación o elaboración posterior a las vivencias.

Queda mucho a investigar respecto a la función del lenguaje verbal en Biodanza: por su complejidad el tema no puede agotarse en un sólo trabajo.

Las observaciones y sugerencias realizadas en esta monografía de ninguna manera pueden ser consideradas reglas fijas. Lo más

importante y prácticamente la única guía es el aquí y ahora del *feed-back* afectivo del facilitador en la comunicación con la persona o el grupo.

## Bibliografía

1. BLEGER, José - *Temas de Psicología*. Ed. Nueva Visión, 1984.
2. FIORINI, Hector - *Teoría y Técnica de Psicoterapias*. Ed. Nueva Visión, 1973.
3. MUR, Marcelo - *Lugar del Lenguaje Verbal en Biodanza*. A.E.B. Actas Científicas, 1992.
4. MUTANTIA. Revista. Editorial idem. Febrero, 1982.
5. SIQUIER DE OCAMPO y otros - *Las Técnicas Proyectivas y el Proceso Psicodiagnóstico*. Ed. Nueva Visión, 1980.
6. SULLIVAN, H. S. - *La Entrevista Psiquiátrica*. Ed. Psique.
7. TORO, Rolando - *Colección de Textos*. II Tomos. A.L.A.B., 1992.
8. TORO, Rolando - *Proyecto Mino-tauro*. Ed. Vozes, 1988.
9. WAGNER, Cesar - *Correspondencia personal*, enero, 1993.
10. WATTS, Alan - *El Libro del Tabú*. Ed. Kairós, 1972.

## ***Novo paradigma de pensamento na Ciência***

O velho paradigma científico pode ser chamado de cartesiano, newtoniano ou baconiano, uma vez que suas principais características foram formuladas por Descartes, Newton e Bacon.

O novo paradigma científico pode ser denominado holístico, ecológico ou sistêmico, porém nenhum destes adjetivos o caracteriza completamente.

O pensamento com base neste novo paradigma da Ciência inclui os cinco critérios seguintes:

### ***1. A mudança da parte para o todo***

No velho paradigma se acreditava que, em qualquer sistema complexo, a dinâmica do todo podia ser compreendida a partir das propriedades das partes.

No novo paradigma inverte-se a relação entre as partes e o todo. As propriedades das partes só podem ser compreendidas a partir da dinâmica do todo. Em última instância, não existem as partes. O que chamamos uma parte é simplesmente uma configuração em uma rede indivisível de relações.

### ***2. A mudança da estrutura para o processo***

No velho paradigma se pensava que haviam estruturas fundamentais e, portanto, existiam forças e mecanismos através dos quais estas interagiam, dando origem, assim, a processos.

No novo paradigma cada estrutura é tomada como a manifestação de um processo subjacente. Toda a rede de relações é intrinsecamente dinâmica.

### ***3. A mudança da ciência objetiva para a "ciência epistêmica"***

No velho paradigma se considerava que as descrições científicas eram objetivas, isto é, independentes do observador humano e do processo do conhecimento.

# *Cadernos de* **BIODANÇA**

No novo paradigma se considera que a epistemologia - a compreensão do processo de conhecimento - deve ser incluída explicitamente na descrição de fenômenos naturais.

A esta altura não há consenso sobre qual é a epistemologia apropriada, mas há um consenso emergente de que a epistemologia terá que ser uma parte integrante de toda teoria científica.

## **4. A mudança da construção para a rede como metáfora do conhecimento**

A metáfora do conhecimento como construção - leis básicas, princípios básicos, estrutura - foi utilizada na Ciência e Filosofia ocidentais por milhares de anos. Quando ocorriam mudanças de paradigmas, a sensação era de que se fundiam os alicerces do conhecimento.

No novo paradigma esta metáfora vai sendo substituída pela de uma rede. Ao perceber a realidade como uma rede de relações, nossas descrições também formam uma rede interconectada que representa os fenômenos observados.

Em tal rede não existem hierarquias nem bases fundacionais.

Mudar da construção para a rede implica também abandonar a idéia da Física como o Ideal em relação ao qual se modelam e se julgam as demais ciências, e como a fonte principal de metáforas para as descrições científicas.

## **5. A mudança da verdade para as descrições aproximativas**

O paradigma cartesiano se fundamentava na convicção de que o conhecimento científico podia alcançar a certeza absoluta e final.

No novo paradigma se reconhece que todos os conceitos, teorias e descobertas são limitados e aproximativos.

A Ciência nunca pode fornecer uma compreensão completa e definitiva da realidade.

Os cientistas não se ocupam da verdade (no sentido de uma exata correspondência entre a descrição e os fenômenos descritos); ocupam-se em obter descrições limitadas e aproximativas da realidade.

(Traduzido de ***Pertencer al Universo***, de Fritjof Capra e David Steindl-Rast, Buenos Aires, Grupo Editorial Planeta, 1993, por Feliciano E.V. Flores).

# *Cadernos de* BIODANÇA

## **E V E N T O S:**

### **Aconteceu:**

*II Congresso Internacional de Biodança, Fortaleza, Ceará, agosto de 1992.*

*Tema: Biodança, 27 anos depois.*

*IV Festival Gaúcho de Biodança e*

*2º Encontro Regional 1, Viamão, RS, maio de 1993.*

*Tema: Movimento para o Encontro.*

*5º Congresso Latinoamericano de Biodança e*

*3º Encontro Regional 1, Buenos Aires, Argentina, janeiro de 1994.*

*Tema: Para uma nova cultura da vida ( Hacia una nueva cultura de la vida )*

### **Acontecerá:**

*I Congresso Europeo di Biodanza, Salice Terme (Pavia), Italia, 6~10 de julho de 1994.*

*Informações: Rudimar Merlo, fone (051) 217 03 29.*

*Trascendencia en el mundo sagrado de los incas con Rolando Toro, Machu Picchu, Perú, 1~11 de agosto de 1994.*

*Informações: Carmem B. Rodrigues, fone (051) 488 27 56.*

*4º Encontro Regional 1, Córdoba, Argentina, outubro de 1994.*

*Informações: Rudimar Merlo, fone (051) 217 03 29.*

*Invencibles*

*Aún sin esperanza  
tenemos toda la esperanza  
pues somos más tenaces  
que el mar contra los arrecifes*

*Aún despedazados  
tenemos la integridad  
pues la muerte es el menor de nuestros males*

*y sabemos renacer  
como las salamandras*

*Aún abandonados, solos y perplejos  
tenemos la esperanza absoluta  
Nuestros fracasos nos tornan invencibles*

***Rolando Toro***

# *Cadernos de* BIODANÇA

## *João Comum*

*Eu sou na paz  
eu sou na comum paz da alegria.  
Eu sou comum como  
comum é o sol na primavera  
quedar-se sobre as flores, os campos, a relva  
vera,  
como comum é a noite ornar-se de estrelas  
e o dia vestir-se de sol  
vera.  
Ou então  
comum como na primavera  
as flores, os campos, a relva  
ingressarem no sol  
comum como as estrelas se tornarem  
visíveis a cada noite  
e o sol brotar os dias e dias e dias  
vera.  
Não me tirem do rol dos comuns.  
Eu sou comum  
como comuns são os homens e as mulheres  
que amam.  
Eu sou um homem que ama,  
que dança, que canta e que chora.  
Eu sou um homem que às vezes anda só de si mesmo  
e que sabe agora sonhar  
e que não sou o mar mas o que faz o mar viver.  
Também o tenho em mim e então, eu e o mar,  
temos um ao outro  
secos e molhados  
e isso eu poderia dizer de todas as coisas  
que temos uns aos outros  
sólidos ou líquidos, espíritos ou corpos,  
E que por isso tudo e tudo que não falei  
se houvesse mais eu simplesmente diria:  
Eu sou comum  
eu sou na paz  
da alegria.*

*João Chiaramonte de Lemos (†)*



*SISTEMA ROLANDO TORO*